



Suínos Brasileiros¹

Concepta McManus¹, Carina da Costa Krewer¹, Samuel Paiva², Helder Louvandini³, José Jivago Rolo¹, Felipe Pimentel⁴

¹ Universidade de Brasília (UnB)

² EMBRAPA Recursos Genéticos e Biotecnologia, Brasília, DF

³ Centro de Energia Nuclear na Agricultura (CENA/USP), Piracicaba, SP.

⁴ CEUB, 707/907 - Campus Universitário - Asa Norte, Brasília - DF, 70790-075



http://www.de_guts.blogger.com.br/

¹ 12/01/23

O porco doméstico (*Sus domesticus*) evoluiu a partir do javali selvagem, embora haja controvérsia quanto à espécie exata. É suposto que a esses sejam decedentes dos *Sus scrofa*, uma espécie de javali que habitava grandes regiões da Europa. No entanto outros pesquisadores atestam origem ocorreu a partir da espécie *Sus vitatus*, que habitavam grandes quantidades na Ásia e na bacia do Mar Mediterrâneo.

Os suínos foram introduzidos no Brasil por Martim Afonso de Sousa em 1532. No início, os suínos criados no Brasil eram provenientes de cruzamentos entre as raças originárias de Portugal. Os primeiros suínos a pisarem em solo americano foram trazidos por Cristóvão Colombo, durante sua segunda viagem ao continente, em 1493. Oito animais desembarcaram na região de São Domingos e, alguns anos depois, já havia criações na Colômbia, Venezuela, Peru e Equador.

Em terras brasileiras, os suínos chegaram cerca de 40 anos mais tarde (1532), trazidos pelo navegador Martins Afonso de Souza. Os animais ertenciam às raças da península Ibérica e desembarcaram no litoral paulista (São Vicente). Assim, raças portuguesas, como a Alentejana e a Transtagana, influenciaram na formação das raças brasileiras, assim como as raças do tipo célticas, asiáticas e americanas.

Os primeiros suínos chegados ao Brasil vieram com Martim Afonso de Souza em 1532, estabelecendose em São Vicente, no litoral paulista. Pertenciam às raças da Península Ibérica existentes em Portugal. Muitos escaparam pelas matas, formando grupos independentes (Cavalcanti, 1985). Através de cruzamentos e mestiçagens, deu-se início à formação das seguintes "raças" nacionais: Canastra, Canastrão, Caruncho, Nilo, Pereira, Piau, Pirapitinga, além de variedades de suínos, como Casco de Burro, hoje já praticamente extintos (Machado, 1967; Cavalcanti, 1985; Viana, 1986).

Raças nacionais

✓ Pertenciam aos 3 troncos originais de todas as raças atuais de suínos:

- Céltico - porco grande e tardio, descendente do javali europeu (canastrão);
- Asiático - porcos pequenos, de orelhas curtas e grande propensão à engorda, descendente do indiano (Tatu e Caruncho);
- Ibérico, intermediário, de hibridação remota dos dois troncos (Canastra e Nilo-Canastra);

Todas são raças pouco exigentes, pouco prolíficas, tardias, pouco musculadas, criadas com o objetivo de produzir banha. No Brasil, quase todas as raças naturalizadas de suínos se encontram ameaçada com extinção. As raças e ecotipos (e seus cruzamentos) incluem: Piau (Piau de São Carlos, Piau de Uberaba, Piau Carioca, Piau Pequeno), Canastra (Tatu Canastra, Nilo Canastra, Meia Perna, Mexabomba), Canastrão (Canastrão Preto, Zabumba, Junqueira), Piratininga (Pirapitinga, Pirapetinga), Pinhal, Pedreira, Casco-de-burro (Casco de Mula), Rabo-de-peixe, Tatu (Canastrinho, Nilo, Macau, Perna Curta, Baé), Sorocaba, Cabano, Vermelho, Caruncho (Caruncho Malhado, Carunchinho Pintado, Caruncho Vermelho), Tatuí, Simetral e Moura (Pereira). Às vezes o mesmo ecotipo tem nomes diferentes em diferentes regiões do país.



Características das principais raças de suínos nacionais (Brasil)

Nome usual	Sinonímia	Origem étnica	Pelagem	Tipo de orelha	Perfil cefálico
Canastra	Meia Perna (PE) Ou Maxambomba (MG/GO)	Alentejana (Península Ibérica). Transtagana (Península Ibérica) Alentejana x Berkshire	Predomina a preta, permitindo a avermelhada. Cerdas finas e uniformes	Ibérico	Subcôncavo vom Côncavo
Canastrão	Junqueira (SP/MG), Capitão Chico, Zabunba (BA/SE)	Bizarra (Península Ibérica), Beiroa (Península Ibérica), Canastra x Large Black	Preta uniforme. Pintas vermelhas ou manchas brancas, no corpo e pés (tolerada). Cerdas abundantes	Céltico	Côncavo
Caruncho	Piau Pequeno, Caruncho Vermelho, Carunchinho Piau x Tatu. Variedade menor do Piau, variedade do Tatu.	Cruzamento entre Canastra e small White	Branca-creme manchas pretas, e mais raramente, vermelha e branca. Preta tolerada	Asiático a Ibérico	Côncavo a Ultracôncavo
Moura	Mouro, Pereira, Estrela, Estrelense	Canastra com Duroc, Canastra x Canastrão x Yorkshire	Tordilha; às vezes rosilha. Cerdas pretas e brancas, entremeadas, distribuídas uniformemente pelo corpo	Ibérico a Céltico	Retilíneo e Subcôncavo
Nilo	Nilo - canastra	Obscura. Canastra x Tatu. Semelhante à raça pelada de Teano; sub-raça Napolitana	Preta, geralmente pelada, às vezes com manchas brancas no corpo e extremidades (indesejável). Cerdas ralas e finas (raro)	Ibérico	Subcôncavo a Retilíneo
Piau	Piau "São Carlos", Piau "Uberaba"	Cruzamentos entre as raças Poland China, Duroc, Canastra, Canastrão	Branca-creme com manchas pretas. Variação três pintas	Ibérico (São Carlos),	Retilíneo a

			(branca, preta e vermelha) tolerada	Asiático (Uberaba)	Subcôncavo
Pirapitinga	Pirapetinga, Mandi	Cruzamento entre Nilo e Tatu.	Preta ou arroxeadada. Cerdas ausentes.	Asiático	Retilíneo
Tatu	Baé, Baié, Macau, Perna Curta	Raças chinesas (Siamesa e Conchinchina) e indochinesas introduzidas em Portugal com o nome de Macau	Preta. Cerdas pouco abundantes	Asiático	Subcôncavo
Monteiro		Suíños domésticos trazidos pelos colonizadores, que se tornaram silvestres	Uma só cor, geralmente preta ou marrom escuro, sem pintas nem manchas	Ibérico	Retilíneo
Sorocaba		Resultado: 3/8 Caruncho vermelho, 3/8 Tamworth (inglesa) e 2/8 Duroc	Predomina a cor avermelhada		

Fonte: pigtrop.cirad.fr/content/download/6596/.../151%20artresOFilha.pdf

Corrected means for body measurements in naturalized pigs from Brazil

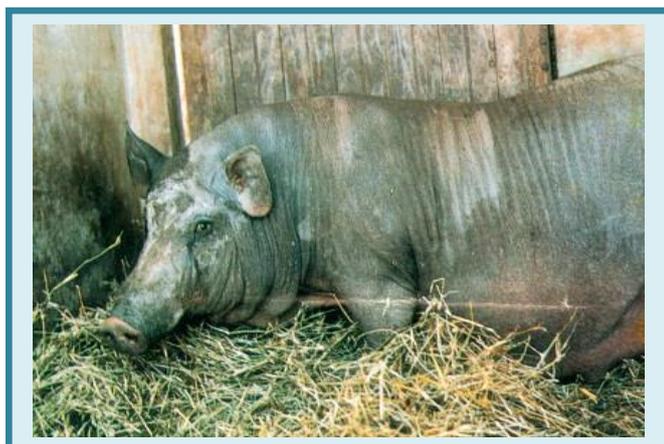
	LS	HL	ED	EL	SL	LH	DI	TL	HG	BL	SH	LD	DD
Caruncho	7.62	24.75	9.50	12.88	13.50	29.50	21.25	21.50	100.00	92.00	52.38	-	-
Casco de Burro	16.60	38.25	12.90	19.90	20.10	34.20	29.90	29.50	119.10	118.40	71.20	132.00	53.00
Monteiro	13.00	33.30	9.48	16.00	26.79	28.00	15.25	24.63	87.21	98.80	63.55	71.73	43.76
Moura	15.47	35.93	11.93	20.72	37.58	42.72	23.34	3.67	135.05	151.77	79.29	105.85	68.26
Nilo	10.25	28.50	10.01	13.50	13.00	24.00	20.25	5.75	93.00	92.00	51.13	-	-
Piau	18.72	34.42	10.40	16.63	30.77	39.16	26.92	27.60	112.80	122.37	72.77	91.20	54.05
Rabo de Peixe	12.00	32.00	9.67	17.34	14.67	27.50	23.00	6.00	102.67	84.01	59.00	-	-
Tatu	14.50	34.50	13.00	25.00	15.00	36.50	22.50	33.00	98.75	116.50	68.50	-	-

Snout Length (LS); Head Length (HL); Eye distance (ED); Ear Length (EL); Shoulder Length (SL); Hip length (LH); Distance between isquias (DI); Tail Length (TL); Heart Girth (HG), Body Length (BL); Shoulder Height (SH); Longitudinal distance (LD); Dorso-sternal distance (DD).

Pirapitinga



Os Pirapitinga são antigos na Zona da Mata, Minas Gerais. A raça originou-se, provavelmente, nas fazendas localizadas na bacia do rio Pirapitinga, e se disseminou pelos municípios vizinhos e Espírito Santo. É um porco do tipo Asiático, de tamanho médio, de fina ossatura e bom comprimento. Tem poucas cerdas (quase pelado), apresentando o couro preto ou arroxeadado, cabeça descarnada, orelhas em pé e focinho comprido. São animais ativos, criando-se bem em pastoreio ou encerrados em pocilgas. O Pirapitinga engorda com facilidade, aproveitando bem grande variedade de alimentos, sendo ótimo pastador. Produz toucinho de qualidade e bom rendimento em gordura. Pirapitinga é uma raça de porcos de porte médio e focinho comprido.



Caruncho



É um porco pequeno, com peso médio de 90 a 100 quilos, quando gordo. Tem pelagem semelhante à do porco Piau: manchas pretas em fundo branco-creme ou cor de areia. São animais rústicos, pouco exigentes quanto a alimentação, de temperamento tranqüilo e grandes produtores de gordura.



Moura



As primeiras iniciativas de formação de plantel para seleção e fomento da raça MO, ocorreram no Estado do Paraná, inicialmente pela Universidade Federal do Paraná (UFPr), em 1985, e mais tarde pela empresa Café do Paraná. Em 26 de abril de 1990, foi aprovada pelo Ministério da Agricultura e registrada no livro do Pig Book of Brazil. De 1990 a 1995, foram registrados 1.668 suínos na Associação Brasileiro de Criadores de Suínos no estado do Paraná. Dois outros criadores, também do Paraná, iniciaram a registrar animais MO a partir do ano 1992. Todas essas iniciativas, no entanto, não tiveram continuidade, pois os em 1995 nenhum registro da raça foram emitidos pela ABCS. A Embrapa Suínos e Aves, preocupada com a oferta de soluções tecnológicas para a agricultura familiar, iniciou em 2003 a formação de um plantel de suínos da raça MO, partindo de 12 fêmeas e 3 machos recebidos da UFPr, que, apesar de não registrar animais desde 1995, manteve até o ano 2000 o controle da base genética. Dessa forma a raça MO voltou a ser controlada pela ABCS, tendo sido expedidos os primeiros registros genealógicos em março do corrente ano.



É uma raça que está disseminada principalmente nos estados do sul do país. Suas principais características são a prolificidade, comprimento e rusticidade. Nos últimos 4 anos não houve registro genealógico da raça. Origem: Brasil (RS, SC e PR) Pelagem: Preta entremeada de pelos brancos (Tordilho).



[www.abaagroecologia.org.br/ojs2/index.php?journal=rbagroecologia&page=article&op=viewFile&path\[\]=6629&path\[\]=4934](http://www.abaagroecologia.org.br/ojs2/index.php?journal=rbagroecologia&page=article&op=viewFile&path[]=6629&path[]=4934)

Piau



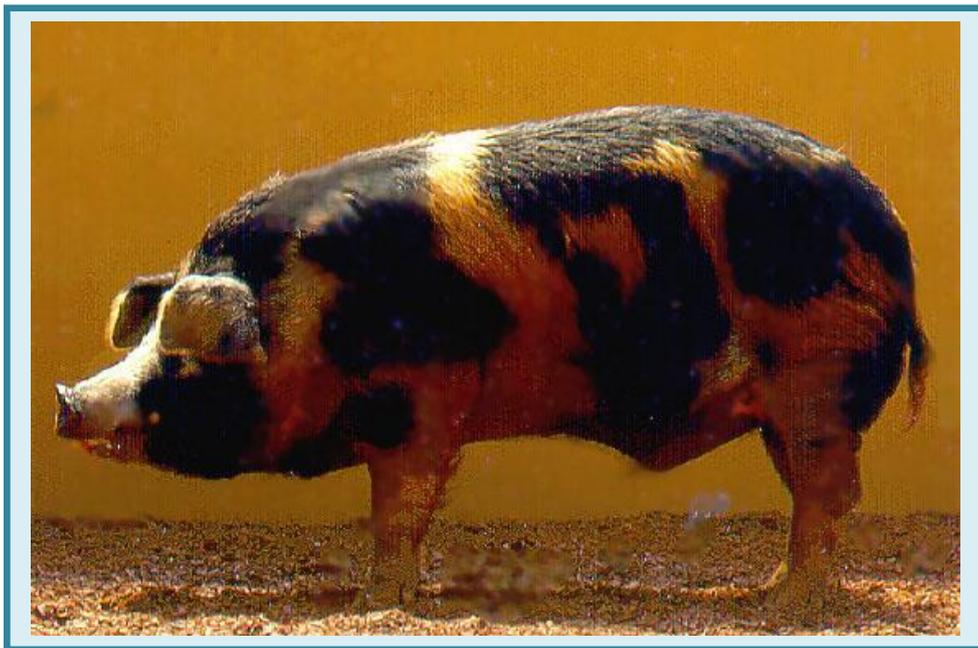
<http://wapedia.mobi/pt/Suinocultura>

Foi a primeira raça nativa a ser registrada no livro do PBB, em 1989, em caráter de cadastro inicial, de acordo com a aprovação do MA, em 28 de setembro de 1986. De 1989 a 1995, já foram registrados na ABCS, 1.250 suínos nos estados do RS, SC e PR. É uma raça que se caracteriza pela sua rusticidade. Nos quatro últimos anos não houve registro genealógico da raça.

A palavra Piau, de origem indígena, significa "malhado", "pintado". Existem Piaus grandes, médios e pequenos. Alguns ganharam alguma reputação como raça e foram justamente os que resultaram de cruzamentos com raças aperfeiçoadas estrangeiras, como o Goiano, Francano, do Triângulo Mineiro, o Junqueira (só de raças estrangeiras), o de Canchim (São Carlos-SP), o de Piracicaba-SP, o de São José-SP, etc. Um tipo mais

fixo e mais antigo é o Caruncho Piau, um pouco maior que o Carunchinho e menor que o Piau. Possui uma variedade vermelha, a Sorocaba, de tamanho médio e aptidão intermediária, provavelmente melhorada por cruzamento com Duroc. Parece-nos que a formação desta raça vem sendo bem orientada para um porco fácil de criar, que possa entrar nos cruzamentos para produção de carne.

O trabalho inicial de seleção foi desenvolvido pelo Prof: A.TEIXEIRA VIANA (medico-veterinário e zootecnista), na Fazenda Experimental de Criação de São Carlos (SP), por volta de 1.939 partindo de um núcleo de 5 machos e 21 Fêmeas, e foi procurado utilizar animais mais uniformes, e os de porte mais desenvolvidos, boa conformação, e pelagem característica, para diminuir a grande variabilidade que existia até então. A maior concentração da raça Piau, até a década de 70 foi na bacia do rio Paranaíba, onde existia naquela época grandes criadores.



Origem: Brasil (Sul de Goiás, Triângulo Mineiro, e Noroeste do Estado de São Paulo).

Pelagem: Oveira (Branca-creme, com manchas pretas)

Orelhas: Intermediárias entre Ibéricas e Asiáticas

Perfil Cefálico: Retilíneo e subconcauíneo

Característica: Alta rusticidade.

PADRÃO DA RAÇA PIAU

Cabeça: De tamanho médio e perfil subcôncavo. Testa achatada entre os olhos. Focinho de mediano comprimento. Pouca papada, sem brincos. Olhos bem afastados.

Orelhas: De comprimento e largura médios. Caídos para os lados e para baixo (tipo Ibérico).

Pescoço: Médio e cheio, em proporção ao ombro, apresentando boa inserção.

Peito: Largo e profundo.

Espáduas: Largas, medianamente niveladas e cheias, acompanhando a largura do dorso.

Dorso: De largura média. Comprido e ligeiramente arqueado. E animais que apresentavam tendência a celar são eliminados.

Lombo: De mediana largura, ligeiramente arqueado, sem asperezas.

Ancas: Compridas e arredondadas.

Pernil: Largo cheio até o jarrete e sem rugas.

Cauda: De implantação alta, enrolada, e com cerdas creme (cor de areia), não era desejáveis animais com caída, (rabo de cavalo).

Costelas: Bem formadas, cheias, bem arqueadas e compridas.

Lados: Profundos e espessos, sem reentrância, lisos até à barriga.

Flancos: Grossos, planos e lisos.

Barriga: Cheia, com linhas retas em relação ao solo, tendo 12 tetas de boa conformação e bem colocadas, e os animais que apresentavam menos de 10 tetas ou tetas cegas eram descartados.

Pernas: De forte ossatura, com bons tendões, musculosas e bons aprumos.

Pés: Fortes sólidos, e bem nivelados.

Pêlo: Fino, liso, de distribuição uniforme sobre o corpo, sem redemoinhos.

Pele: Escura ou preta, sem rugas, e o animais que apresentavam manchas despigmentadas na pele (bragados) eram descartados para reprodução.

Cor: Branca-creme (cor de areia), com manchas pretas (70 a 80%) de cor creme e (20 a 30%) de cor preta. As manchas pretas devem ser bem definidas e proporcionalmente distribuídas sobre o corpo.

Sorocaba

A raça Sorocaba, desenvolvida pelo Prof: Godinho, a partir do ano de 1956, e foi usado o cruzamento triplo e o retrocruzamento com mestiços F1. O material genético que propiciou a formação do Sorocaba era inicialmente 26 matrizes da raça Caruncho Vermelho, e 2 machos e 6 fêmeas da raça Tamworth, e 6 machos Duroc. A base genética foi muito pequena e por isso tem uma maior ocorrência dos problemas genéticos, como Atresia anal, leitões nascendo com perna aberta, sem olhos, palato fendido, hérnia umbilical e hérnia escrotal.

* Ver foto em:
<http://www.terrastock.com.br/default.asp?i=br&p=detalhes&cod=a0806>

Casco de burro



São sindactilos. A condição normal de casco fendido nos suínos é produzida pelo genótipo homozigoto recessivo mm . A condição de casco de burro é produzida pelo genótipo dominante $M_$. Foram relatados pelo Charles Darwin que considerou o fenômeno uma mutação (castro, 2003). Brasil é considerado a origem desses animais. Estes animais foram encontrados em algumas criações de baixa tecnologia (porcos nacionais), na região do triangulo minério, região sudeste do Brasil.

Canastrão

Raça natural melhorada, derivada da Bizarra, portuguesa, filia-se ao tipo Céltico, de corpo grande (machos com 220 Kg e fêmeas 200 Kg quando adultos), cabeça grossa, perfil côncavo, fronte deprimida, pregueada, focinho grosso, orelhas grandes e cabanas; pescoço longo, com papada; linha dorso-lombar sinuosa e estreita; membros compridos e fortes. Pelagem preta ou vermelha, segundo a variedade regional. Pele grossa e pregueada, cerdas fortes e ralas. O Canastrão é ainda disseminado no sertão mais distante, mas raríssimo na região mais populosa. Muito tardio, é engordado no segundo ano. As fêmeas são prolíficas e boas mães.

Canastra



<http://soscanastro.blogspot.com/2009/07/raca-canastra.html>

Raça natural melhorada (?) do tipo Ibérico, supostamente derivada das raças portuguesas Alentejana e Transtagana. Já foi muito disseminada no Brasil com diversas denominações, principalmente Meia-Perna. Considerada de porte médio (os adultos pesavam 150 a 160 Kg, mas supomos que este peso se refere a animais gordos). Tem a cabeça pequena e leve, com perfil sub-côncavo, focinho antes curto, bochechas largas e pendentes, às vezes com brincos, orelhas médias e horizontais, oblíquas para frente. Pescoço curto e largo, corpo de proporções médias, um pouco roliço, com a linha superior geralmente um pouco enseada, membros curtos separados, de ossatura fina. Utilizado na produção de banha.

Tatu (Canastrinho, Nilo, Macau, Perna Curta, Baé)



O Canastrinho é um grupo de animais menores, de tipo Asiático, introduzido do Oriente pelos colonizadores portugueses, do qual resultaram algumas variedades regionais com os nomes de Nilo, Macau, Tatu, Baé, Perna-curta, Carunchinho, etc., cuja conformação é semelhante, porém podem apresentar diferenças de pelagens, orelhas, etc. Derivam de porcos Chineses, Siameses, Conchinchinos, de Macau, etc. O corpo é pequeno, baixo e compacto, com ventre desenvolvido, membros finos e curtos. Tem pouca musculatura e ossatura. São bastante sóbrios, mansos, caseiros, podem ser prolíficos ou não, conforme o rebanho. Especializado na produção de banha, criado, sobretudo por pequenos sitiantes para consumo doméstico. A pelagem pode ser preta, vermelha, malhada, de pelos abundantes, ralos ou ausentes (pelado), conforme a

variedade. Supõe-se ser esta raça derivada do porco Macau, ou (chino, siamês ou cochinchino) introduzidos no Brasil nos tempos coloniais. Pertence ao tipo asiático. São animais de pequeno porte, por volta de 60 a 70 Kg quando adultos, são muito dóceis, rústicos, e de grande produção de banha, com baixa produtividade parindo as vezes no máximo 4 a 5 leitões, Eram animais usados para abastecimento de banha e carne, nas fazendas do interior do Brasil.

A pelagem mais comum é a negra, pelada ou com cerdas raras e muito finas. A pele é também fina e macia. A cabeça é pequena, de frente abaulada, perfil subcôncavo, focinho curto ou comprido, orelhas retas e pequenas. O pescoço é curto e grosso e o tronco pequeno, compacto, baixo, com o ventre perto da terra e de pouca musculatura. Os membros são finos e curtos. É porco precoce, pequeno, especializado para a produção de banha, com esqueleto muito fino, e que dá rendimento elevado. Muito manso, e de prolificidade regular, é criado principalmente para consumo nas próprias fazendas, como produtor de gordura. Os suínos da raça Tatu deixaram de ser registrados nascimentos a partir de 1.970, e sua populações vem diminuindo nos últimos 20 anos, acredito que existem ainda alguns animais espalhados pelo interior do estado de Goiás e Tocantins.

Nilo Canastra



Este tipo de porco, relativamente antigo, como raça natural do país, é considerado fruto do cruzamento do Nilo (porco pequeno pelado, do tipo Asiático) com o Canastra. Entretanto o tipo existe em Portugal, onde é um dos representantes do porco Ibérico. Foi melhorado na ESALQ, a princípio por Athanassof e depois por Torres. O Ministério da Agricultura também fez algumas tentativas neste sentido. Os resultados obtidos, embora razoavelmente bons, não podem ser aproveitados com objetivos práticos, a não ser como lastro para cruzamentos. Em Minas já houve criações importantes de Pirapetinga, (que difere do Nilo sobretudo por caracteres da cabeça) as quais vão dando lugar as de outras raças mais produtivas. É considerado um porco de tamanho médio, de corpo comprido e estreito, com pouca musculatura e ossatura, prolificidade e precocidade médias, desprovido de pelos ou com cerdas ralas, em virtude do que não serve para as regiões frias. É do tipo de banha, rústico. Já teve grande reputação no Estado de São Paulo e Minas.

Monteiro



<http://www.pantanalulmatogrossense.com.br/animal.php?cod=20>

A espécie foi introduzida no Pantanal pelos colonizadores da região, o que coincide com a entrada dos bovinos. Desde então a população local maneja a espécie de forma tradicional (Lourival, 1997). Este suíno (*Sus scrofa*) é originário de criações de fazendas pantaneiras (Duroc, Tamworth e Caruncho), que delas escaparam ou foi abandonado nas criações e sobreviveu na vida silvestre, durante a Guerra do Paraguai em 1864. Altamente prolífera, a espécie adaptou-se à região e tornou-se feral. As condições do meio selecionaram adaptações fisiológicas e comportamentais que influenciaram sua morfologia atual, a ponto de aproximá-lo de seus ancestrais selvagens e diferenciá-lo, cada vez mais, do porco doméstico, apesar de pertencerem à mesma espécie. Aproximadamente 394.000 porcos (Piovezan & Avellar, 2008) vivem em liberdade na porção brasileira do Pantanal (140.000 km²). O tamanho médio de grupos igual a 7,6 indivíduos, o peso médio dos animais abatidos na natureza igual a 45,4 kg (Lourival & Fonseca, 1997).



O principal fator que limita o transporte de animais vivos atualmente é a doença de Aujeszky. As populações silvestres de *Sus scrofa* amostradas no Pantanal apresentam indivíduos positivos para o teste de Elisa, que detecta presença de anticorpos associados ao agente etiológico, a uma taxa de 37% (Oliveira et al., 2006).



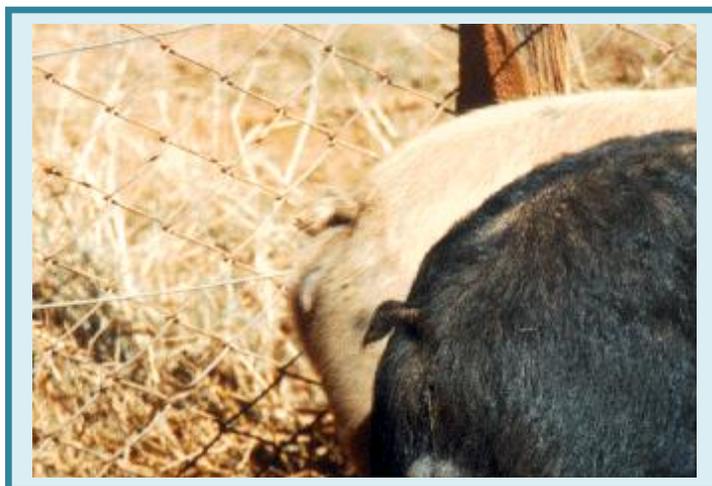
<http://www.pousadacabure.com.br/11.html>

A área de vida dos machos pode variar de 1,775km² a 3,57 Km², considerando o estimador mínimo polígono convexo e que a área de vida da fêmea tende a ser menor do que as dos machos.

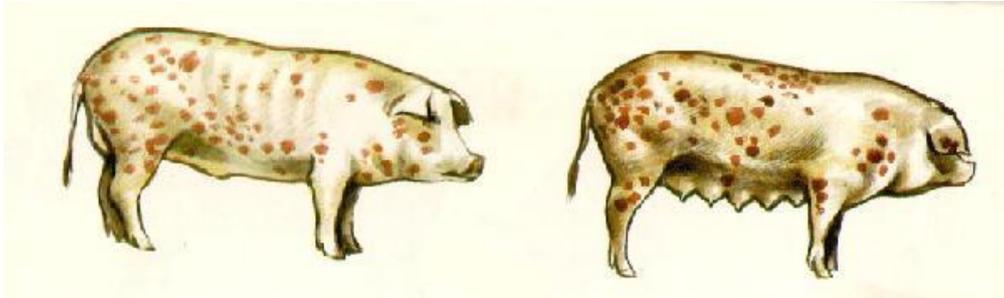
Outros

Outros tipos tem sido citados na literatura como rabo-de-peixe (McManus et al., 2010), Cuié e Bassê (Castro et al., 2002). Cuié são de pele escura com pouco pelos e orelhas pequenas formato de colher enquanto o Bassê é pequeno com pernas curtas.

Rabo de Peixe



Pereira



Associação Brasileira dos Criadores de Suínos - ABC

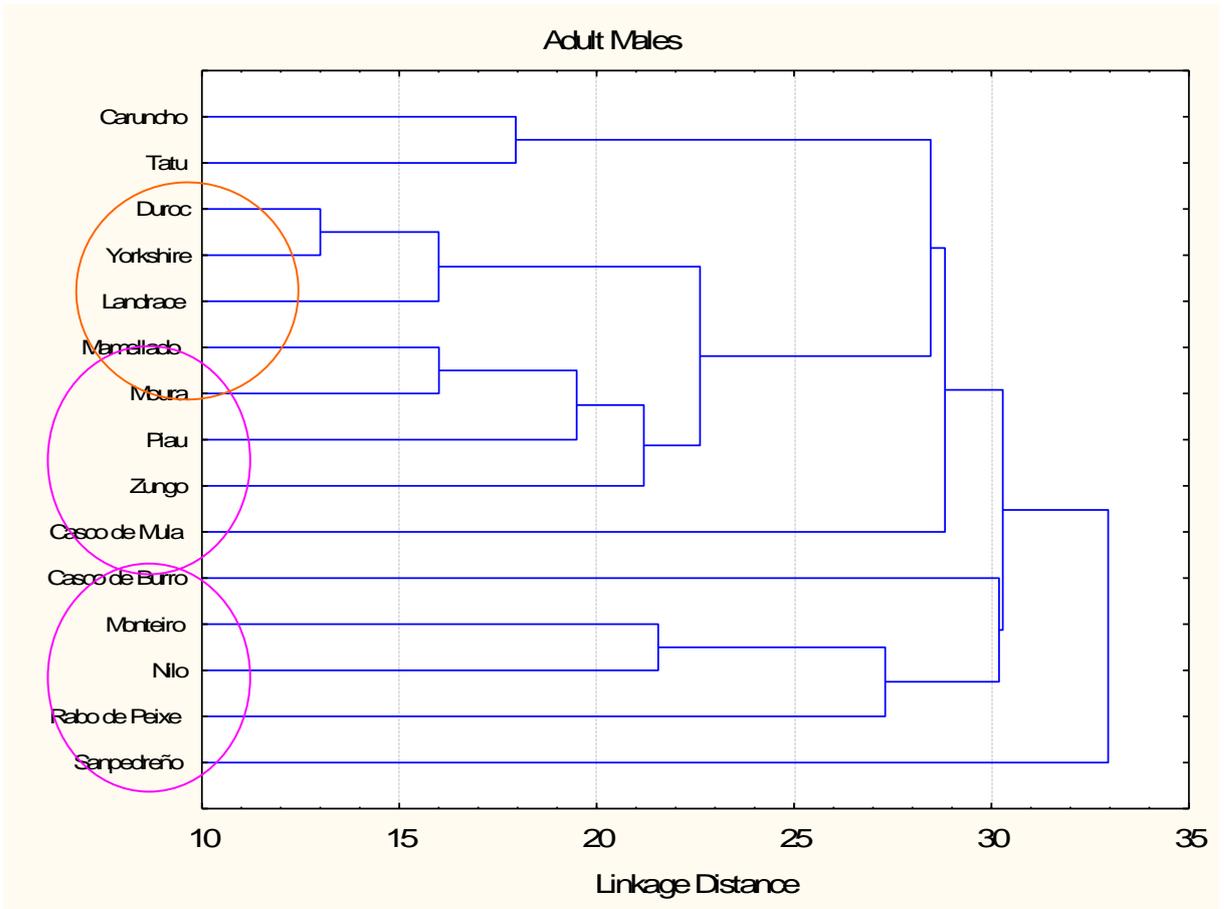
SGAN, Módulo K, Edifício da CNA

CEP: 70830-010

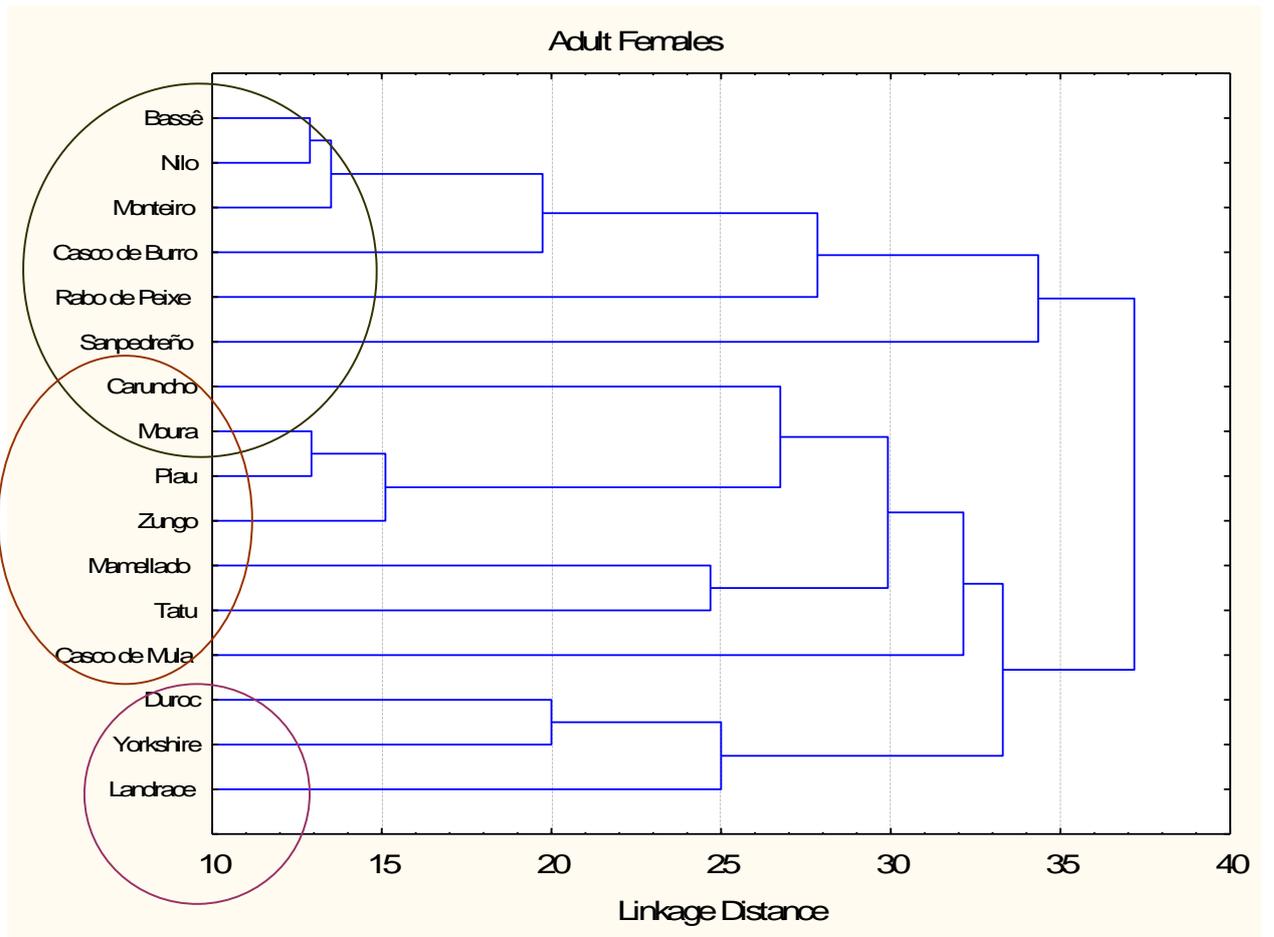
Brasília - DF

Telefone: (61) 2109-1620

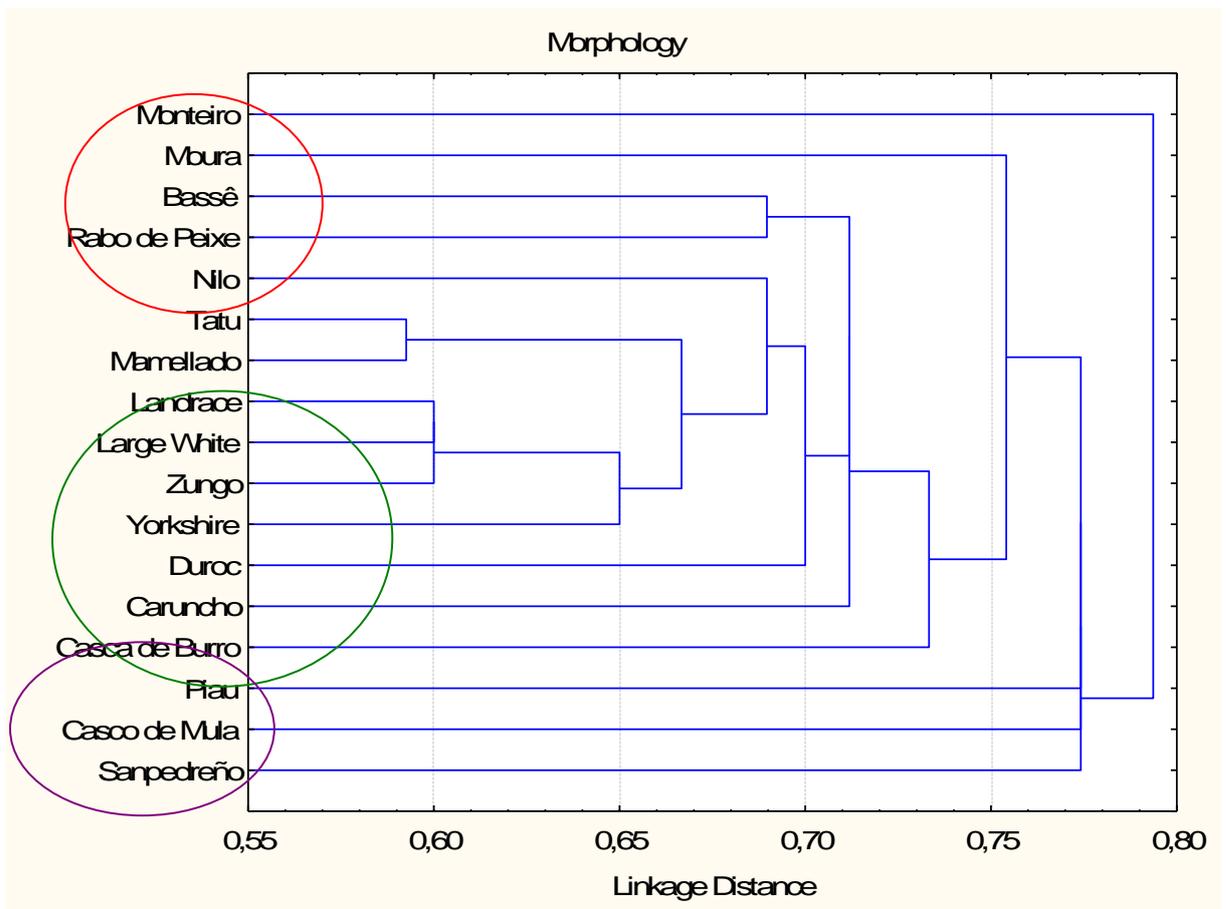
<http://www.abcs.org.br/>



Dendrogram UPGMA based on distances between adult male swine breeds using morphometric measures.



Dendrogram UPGMA based on distances between adult female swine using morphological measurements



Dendrogram UPGMA based on distances between naturalized and commercial swine breeds using morphological data.

Referências:

- ALBINA, E.; VANNIER, P. special issue – 3rd international symposium on prrs and Aujeszku,s disease, *Veteinary research* 31 (1): 3-3, 2000.
- BENEVIDES FILHO, I. M. 1982. Análise genética do desempenho de suínos da raça Piau do nascimento à desmama. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Brasil, 77pp.
- BRANDÃO, V. Carne suína: história dos suínos. *Correio Gourmand*. São Paulo, s.d. Disponível em: <http://correiogourmand.com.br/produtos_glossario_alimentos_carnes_mamiferos_porco_historia.htm>. Acesso em: 13 dez. 2007
- CASTRO, S. T. R.; ALBUQUERQUE, M. S. N.; GERMANO, J. L. 2002. Census of Brazilian naturalized swine breeds. *Archivos de Zootecnia*, 51: 1-5.
- CAVALCANTI, S. S. 1985. Produção de suínos. Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, Campinas, Brasil, 453pp.
- Da SILVA, J. S. V.; MORAES, A. S.; SEIDL, A. F. Evolução da agropecuária no Pantanal Brasileiro. 1975-1985. Corumbá: Embrapa Pantanal 157 p. 2001
- DESBIEZ, A. ; KEUROGLIAN, A. ; PIOVEZAN, U. ; BODMER, R. E. Ecologia de populações de porcos monteiros no Pantanal do Brasil. *Documentos. Embrapa Pantanal*, v. 106, p. 1-45, 2009.
- DESBIEZ, A. L. J, SANTOS, S. A., KEUROGHLIAN, A. BODMER, R. E. Niche partitioning among white-lipped peccaries (*Tayassu pecari*), collared peccaries (*Pecari tajacu*), and feral pigs (*Sus scrofa*). *Journal of mammalogy* 90 (1) 119-128, 2009.
- DESBIEZ, A. L. J. (2007). Wildlife conservation in the Pantanal: Habitat alteration, invasive species and Bushmeat Hunting. PhD. Dissertation, Durrell Institute of Conservation and Ecology (DICE), University of Kent Canterbury. 288p.
- DESBIEZ, A. L. J., KEUROGHLIAN, A., PIOVEZAN, U. AND BODMER, R. E. (2010). Invasive species and bushmeat hunting contributing to wildlife conservation: the case of feral pigs in a Neotropical wetland. *Oryx* (in press).

- FZEA-USP (Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo – USP). Suíno: zootécnica – generalidades. Criar e Plantar. São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.criareplantar.com.br/pecuaria/suino/zootecnia.php?tipoConteudo=texto&idConteudo=124>>. Acesso em: 8 fev. 2008.
- HERRERA, H. M.; ABREU, U.G.; KEUROGHLIAN, A.; FREITAS, T. P., JANSEN A. M. The role played by sympatric collared peccary (*Tayassu tajacu*), white-lipped peccary (*Tayassu pecari*), and feral pig (*Sus scrofa*) as maintenance hosts for *Trypanosoma evansi* and *Trypanosoma cruzi* in a sylvatic area of Brazil. *Parasitol Res.* 2008 Aug;103(3):619-24.
- HERRERA, R. C. S. P. Hábitos alimentares do porco monteiro (*Sus scrofa*) no Pantanal da Nhecolândia, Mato Grosso do Sul. Monografica de especialização. Universidade Federal do Espírito Santo – ES. 94p. 1995.
- LOURIVAL, R. F. F. 1997. A caça no Pantanal da Nhecolândia (Corumbá – MS – Brasil). Tese de Mestrado – UFMG. Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte – MG. 163p.
- MACHADO, L. C. P. 1967. Os suínos. A Granja, Porto Alegre, Brasil, 662pp.
- MCMANUS, C. et al. Phenotypic characterization of naturalized swine breeds in Brazil, Uruguay and Colombia. *Braz. arch. biol. technol.* [online]. 2010, vol.53, n.3 [cited 2010-09-12], pp. 583-591. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-89132010000300011&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1516-8913. doi: 10.1590/S1516-89132010000300011.
- MMA - Ministério do Meio Ambiente, Espécies exóticas invasoras, (<<http://www.mma.gov.br/port/sbf/invasoras/index.cfm>>), acessado em 16/02/2007.
- MOURÃO, G. de M.; COUTINHO, M. E.; MAURO, R. A.; TOMÁS, W. M. MAGNUSSON, W. Levantamento aéreos de espécies introduzidas no Pantanal: porco ferais (porco monteiro), gado bovino e búfalos. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2002. 22p.il. (Embrapa Pantanal. Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento, 28).

- OLIVER, W. L. R., BRISBIN, Jr. I. L. 1993. Introduced feral pigs: problems, policy and priorities, In: Pigs, Peccaries and Ippos, W.L.R. Oliver (ed.) Status survey and conservation action plan of the IUCN, Switzerland, 179-191p.
- PAES, R. C. S.; RIBEIRO, O. C.; CARNEIRO MONTEIRO, L. A. R.; FIGUEIREDO, A. O.; NETO, A. A. C.; OLIVEIRA, J. M.; DA ROSA, G. O.; KEUROGLIAN, A.; PIOVEZAN, U.; HERRERA, H. M. Enfermidades de ocorrência no porco monteiro (*Sus scrofa*) no Pantanal sul-Matogrossense, Brasil. 35º Congresso Brasileiro De Medicina Veterinária – CONBRAVET. 19-22 outubro 2008 Gramado/RS
- PINHEIRO, S. L. G. Diagnóstico Participativo (DPR): uma experiência acadêmica com agricultores familiares das comunidades rurais do Rio do Sul e Rio da Prata, Anitápolis, Santa Catarina. Florianópolis: Epagri, 2004
- PIOVEZAN, U.; AVELLAR, A. L. F. de. Quantos porcos monteiros existem no Pantanal? Corumbá: Embrapa Pantanal, 2008. 4 p. (Embrapa Pantanal. Circular Técnica, 76). Disponível em:
- ROPPA, L. 1999. O vice-versa da criação de suínos. *Globo Rural*, 4 (165): 46-50.
- SERENO, J. R. B.; SERENO, F. T. P. S. 2000. Recursos genéticos animales brasileños y sus sistemas tradicionales de explotación. *Archivos de Zootecnia*, 49: 405-414.
- SICURO, F.L.; OLIVEIRA, L. F. B. Coexistence of Peccaries and Feral Hogs in the Brazilian Pantanal Wetland: An Ecomorphological View. *Journal of Mammalogy*, 83(1):207-217. 2002
- SOLLERO, B. P. 2006. Diversidade genética das raças naturalizadas de suínos no Brasil, por meio de marcadores microssatélites. M.Sc. Thesis. University of Brasília, Brazil, 66 pp.
- SORIANO, B. M. A. OLIVEIRA, H. CATTO, J. B.; COMASTRI FILHO, J. A.; GALDINO, S.; SALIS, S. M. 1997. Plano de Utilização da Fazenda Nhumirim. Corumbá: Embrapa-CPAP. 72p.
- TARIFA, J. R. 1986. O sistema climático do Pantanal. Da compreensão do sistema à definição de prioridades de pesquisa climatológica. In: Simpósio sobre recursos naturais e sócio-econômicos do Pantanal, 1, 1984, Corumbá. Anais... Brasília: EMBRAPA-DDT, p. 9-28.

VIANA, A. T. 1986. Os suínos: criação prática e econômica. 12ª ed. Editora, São Paulo, Brasil, 384pp.

<http://www.sossuinos.com.br/consultas/canastra.htm>

http://www.ceres.ufv.br/CERES/revistas/V56N004_00609.pdf

[http://www.abaagroecologia.org.br/ojs2/index.php?journal=rbagroecologia&page=article&op=viewFile&path\[\]=6629&path\[\]=4934](http://www.abaagroecologia.org.br/ojs2/index.php?journal=rbagroecologia&page=article&op=viewFile&path[]=6629&path[]=4934)

<http://www.cpap.embrapa.br/publicacoes/download.php?arq_pdf=CT76>. Acesso em: 30 ago 2008.